

5

Considerações Finais: “a revolução está sendo televisionada”

A sentença abaixo foi proferida por Anderson Quak, durante a Cerimônia de Encerramento da 2ª Edição do CineCufa¹, festival do qual é um dos curadores:

[A revolução] depende muito de nós. (...) Acho que o CineCufa é a prova disso. (...) Acho que a crença de cada um de nós nos trouxe a esse lugar [ao Centro Cultural Banco do Brasil]. (...) Se nós acreditarmos naquilo que estamos fazendo, nós vamos chegar a lugares que nunca imaginamos. (...) E não está longe não. A revolução está sendo televisionada (em 21/09/2008, grifos meus).

Como vimos nos primeiros capítulos da dissertação, a CUFA pode ser classificada como um movimento social urbano (e é, dessa forma, entendida por seus membros), ou como parte integrante do “movimento de cultura cidadã” que vislumbramos, atualmente, a partir das iniciativas artístico-culturais de inúmeras organizações não-governamentais – ainda que as mesmas convivam com baixíssimos níveis de participação cívica.

Tendo como uma de suas principais características a negação da “estadania”², percebemos que a CUFA se sustenta em estreito diálogo com uma série de “demandas urbanas”, que vão desde as tradicionais reivindicações trazidas pelo movimento *hip hop* até as questões de gênero e discriminação social. Dessa forma, a “revolução social” muitas vezes mencionada pelos membros da CUFA, pode ser resumida – a partir das temáticas que perpassaram a dissertação – na seguinte agenda:

1. Levar a informação e o conhecimento à população de baixa renda – ou,

¹ No entanto, segundo o próprio Quak, a frase que serve de título às considerações finais deste trabalho, foi exclamada pela primeira vez por DMC – DJ de hip hop, assistente de produção do filme *Falcão – Meninos do Tráfico* e ex-aluno do CAV –, durante uma aula com Cacá Diegues.

² Em oposição à cidadania, José Murilo de Carvalho (2007:221) desenvolveu a ideia de “estadania”, para designar a cultura política “orientada mais para o Estado do que para a representação”.

aos “desgraçados”, para utilizar a categoria de Athayde –, disponibilizando as condições e “oportunidades” para:

- A “visibilidade concreta” dos problemas sociais e raciais do país, sobretudo, a exclusão social e a discriminação racial;
- O acesso à cidadania cultural, mediante a produção, experimentação e circulação das expressões culturais;

2. Articular o reconhecimento dos direitos básicos dos cidadãos à conquista do poder que, relacionando-se com o conceito de “empoderamento” trabalhado por Ladislau Dowbor (2008:02), diz respeito a “uma mudança de cultura política, da compreensão de que o desenvolvimento não se espera, se faz”; que no “dialeto favelês”, como diria MV Bill³, implica a compreensão de que “a revolução não está no querer, está no proceder”^{4/5}.

3. Proporcionar a mobilidade de seus beneficiados, menos no sentido social e profissionalizante, e mais no sentido subjetivo e simbólico. Ou seja, o acesso ao poder e a *mobilidade* de que falam é, sobretudo, de natureza *subjetiva*.

Seguindo estas pistas, tentei demonstrar ao longo do trabalho que a cultura – apontada, historicamente, como um dos principais canais de integração social no tecido associativo, em especial nas grandes cidades (Burgos, 2005:209) – pode ser instrumentalizada enquanto campo relacional, educativo e crítico-reflexivo, capaz de promover identidade, pertencimento e, em certa medida, profissionalização e inclusão social.

Sendo assim, em meio à “crise de civilidade elementar”⁶ vigente na sociedade carioca, a CUFA pode ser um exemplo do trabalho de agentes ou forças sociais das chamadas “novas mediações” (Ramos, 2005, 2006 e 2007) que, além de estabelecerem vínculos entre “categorias sociais em níveis culturais distintos”

³ MV Bill, *O Preto em Movimento*. CD *Falcão – O Bagulho é Doido* (2006), Chapa Preta/Universal Music.

⁴ Em entrevista ao episódio “Revolucionários” (Ep. 02) do programa *Conexões Urbanas*.

⁵ Para quem nunca ouviu falar, um bom exemplo dessa nova tendência, eu diria, global, é o movimento *Bota pra Fazer*, “versão brasileira do Movimento Global pelo Empreendedorismo” – que, inclusive, tem Nega Gizza e José Júnior, do Grupo Cultural Afro Reggae, como algumas de suas figuras-chave.

Cf. www.botaprafazer.com.br.

⁶ A ideia de “crise de civilidade elementar” (do Rio de Janeiro) foi citada por Gilberto Velho, por ocasião do seminário “Humanismo, Direito e Cidades: debates interdisciplinares”, realizado no Centro de Estudos Direito e Sociedade (CEDES/ IUPERJ), no dia 13/06/2008.

(Velho, G., 2001), atuam, mediante um canal de expressividade, como mediadores entre os diversos espaços públicos (Burgos, 2005; Naves, 2004; Novaes, 2003; Ramos 2007).

Se, conforme demonstramos, a expansão das tecnologias audiovisuais, aliada ao desejo de autorepresentação, permitiu que a população de baixa renda participasse do processo de disputa pela linguagem e “recontação” de sua história, o Núcleo de Audiovisual da CUFA-CDD busca atender à necessidade de “superação da invisibilidade”; processo que, por sua vez, dá mote ao projeto político de “ressignificação da favela”. Neste sentido, pode-se dizer que, na CUFA, a ação cultural é tão ou mais importante que o ativismo político (Yúdice, 2004). Dito de outra forma, estas práticas culturais de militância sócio-política procuram, sobretudo, (re)construir a subjetividade de seus integrantes (mediante o acesso ao conhecimento e à produção e circulação cultural).

Com o que foi apresentado, podemos afirmar que essas atividades enquanto estratégias de redução das desigualdades sociais são altamente questionáveis, tendo em vista a complexidade e gravidade que o fenômeno assumiu no Brasil. No entanto, fato é que determinada “modalidade de inclusão” – nos termos de Ivana Bentes, a “inclusão da subjetividade” – demonstrou-se fortemente ao longo da pesquisa; ou ainda, como definem Hollanda e Strozenberg (s/d), muitos dados trabalhados aqui apontam para o que chamam de “democratização das expectativas”, uma forma radical de (re)construção do exercício da cidadania.